

A ler

ENTREVISTA

ANA LUÍSA CORREIA
acorreia@dnnoticias.pt

Uma nova temporada para o Teatro Baltazar Dias. O que os madeirenses podem esperar dos meses que aí vêm? O Baltazar Dias é um Teatro Municipal comprometido com a sua missão de serviço público. Nos próximos meses, os madeirenses poderão esperar encontrar no Teatro no pólo cultural dinamizador e um mediador activo da criação contemporânea no Funchal nas áreas do teatro, expressão plástica, dança e música. Esta programação caracteriza-se por ser plural, diversa e de elevada qualidade artística.

Qual tem sido a evolução do número de espectadores nos últimos anos e quais as expectativas para esta temporada? A evolução tem sido muito positiva. Tivemos desde 2014 uma evolução de espectadores de 25%, chegando ao fim de 2016 com um número histórico de 48 mil pessoas. Numa Região com 260 mil habitantes, pensamos que este é um número significativo que torna evidente o trabalho que tem sido feito com o objectivo de promover a proximidade das pessoas ao Teatro. As nossas expectativas para esta temporada são manter esta afluência, mas também diversificar o nosso público. Não queremos promover elites, mas democratizar verdadeiramente a cultura. Isso significa que o nosso objectivo é que, cada vez mais, as pessoas, de diferentes classes socio-económicas e educacionais, se identifiquem com este Teatro. Sabemos que existe um grupo significativo de pessoas que nunca entrou nesta casa ou que já não assistem a espectáculos há décadas, por várias razões. Queremos mudar este cenário e cativar também essas pessoas, por isso estamos a trabalhar de forma dedicada no projecto Baltazar Júnior: serviço educativo com as escolas e estamos ainda a desenvolver um programa que visa promover as primeiras sessões de espectáculos a pessoas que ainda não tiveram essa oportunidade.

Podemos dizer que os pontos altos são as produções que vêm à Madeira através da Rede Eunice? Esses espectáculos têm a particularidade de estrear este ano no Teatro Nacional D. Maria e vir na mesma temporada artística ao Baltazar Dias. Estamos a falar do espectáculo "Lear" produzido pelos Primeiros Sintomas que estreia em Outubro e em Janeiro está no Funchal, o que mostra que estamos na linha do que melhor se faz em Portugal continental. Receberemos ainda, "Sweet Home Europa" encenado por João Pedro Mamede e "Montanha-Russa", um musical sobre a adolescência, resultado de uma coprodução entre o Teatro Nacional D. Maria, o Teatro Nacional São João e Formiga Atómica. Outro dos destaques é uma coprodução do Teatro Baltazar Dias com o grupo Dançando com a Diferença que nos permitirá receber grupos nacionais e internacio-



“Queremos democratizar verdadeiramente a cultura”

Sandra Nóbrega, directora do Baltazar Dias

Comemorações 130 anos do Teatro serão ponto alto da programação.

nais já no próximo mês de Dezembro. Mas acredito que o nosso verdadeiro ponto alto desta programação serão as comemorações dos 130 anos do Teatro, em que teremos oportunidade de lançar um livro histórico, muito interessante, que já está a ser preparado pelo Prof. Paulo Rodrigues da Universidade da Madeira, apresentar concertos ao ar livre com a Orquestra Clássica da Madeira e apoiar a criação teatral regional de um espectáculo baseado na obra de Baltazar Dias. Será um programa surpreendente e memorável!

A aposta ao nível do património cultural regional e das produções regionais também é notória. É imperativo que haja esta ligação entre o Baltazar Dias e a cultura regional? Durante esta temporada artística iremos apoiar e co-produzir espectáculos realizados a partir de textos de autores madeirenses como Herberto Helder, João França e Luísa Paolinelli. A ideia do Teatro Baltazar Dias como apenas acolhedor de espectáculos está ultrapassada. Se



O TEATRO BALTAZAR DIAS TERMINOU 2016 “COM UM NÚMERO HISTÓRICO DE 48 MIL PESSOAS”

queremos ter uma linha programática e apoiar os artistas e companhias no desenvolvimento dos seus projectos, o Teatro terá obrigatoriamente de afirmar-se como um parceiro confiável para co-produções. As co-produções reflectem no apoio financeiro, logístico e de produção. Este ano tivemos a inovação de lançar desafios específicos a produtores regionais para a organização e criação de oficinas, espectáculos e eventos. O conceito Teatro ilha não faz sentido, porque o Teatro vive de relações e de cumplicidades. E o objectivo é, gradualmente, aumentar a nossa rede de parceiros.

Há também uma tentativa de “dar palco” aos novos talentos madeirenses. Essa era uma necessidade que já era sentida? Nós respeitamos o trabalho daqueles que por décadas têm dedicado a sua vida às artes e são como bitolas para aqueles que agora dão os primeiros passos. Reconhecemos que o Teatro tem de ter espaço para apoiar estes dois grupos e promover o seu intercâmbio. Este ano

teremos oportunidade de apoiar os jovens talentos, mas vamos ainda mais longe do que apenas “dar palco”. O Teatro está verdadeiramente envolvido no projecto, desde o apoio à produção, ao pagamento de cachets, à disponibilização do material técnico necessário de recursos humanos na área de iluminação e audiovisual, criação de material de comunicação, apoio financeiro para viagens e alojamento. Só assim faz sentido, porque o sucesso dos jovens talentos também é o nosso sucesso. Sabemos que uma oportunidade de apresentar um espectáculo no Teatro, corresponde muitas vezes a uma rampa de lançamento para outros voos, como foi o caso da exposição do jovem artista André Gonçalves.

A co-produção é uma aposta determinante e visível nesta nova temporada. Isso mostra que a autarquia está sensível às dificuldades do sector cultural? Sem dúvida. Este ano a autarquia já apoiou financeiramente mais de 50 entidades culturais com o montante de 220 mil euros. A este valor teremos de adicionar o investimento na isenção e de coprodução de eventos no Teatro que ascende aos 35 mil euros. Esta autarquia vê o apoio ao sector cultural não como uma despesa, mas como um investimento com retorno. Além disso, assim como a autarquia, o Teatro, defende a ideia de que os artistas devem ser pagos pelo seu trabalho, como o objectivo de promover a estabilidade dos seus projectos. Mas estamos cientes que ainda existe muito trabalho a realizar neste campo.

Tem havido uma maior abertura do teatro, como espaço problemático da cidade e da Região, com visitas guiadas e uma aproximação às gerações mais novas. Esta é uma aposta que terá continuidade? Sim. No âmbito das visitas guiadas, em 2017, o Teatro teve mais de 1.700 visitantes. Existem as visitas guiadas, às terças-feiras, dirigidas especialmente ao público em geral e aos estrangeiros que se irão manter. Temos ainda o projeto Baltazar Júnior: Serviço Educativo que será apresentado na próxima semana que tem como objetivo promover a formação de novos públicos e os hábitos culturais. Este é um projecto liderado pelo Teatro com a colaboração do Teatro Experimental do Funchal, Associação Cultural Casa Invisível, Teatro Feiteiro do Norte e Associação GATO. O objectivo é que as crianças e jovens não tenham apenas acesso a uma visita guiada tradicional mas a oficinas com actores, conheçam o processo de montagem do espectáculo e participem em visitas encenadas. Pretendemos oferecer verdadeiras experiências culturais a todas as escolas da Região, sendo também que a CMF disponibiliza transporte de forma a facilitar a deslocação das escolas.